



como São Paulo, que prendeu a tantos e que se tornou o grande apóstolo de Cristo? Seríamos capazes de ordenar bispo alguém que teve uma vida dissoluta como Santo Agostinho? Afinal, que Igreja de Cristo somos? Que filhos somos do Deus-Pai? Nossa vida, nossa paternidade e maternidade cristã, expressam a paternidade de Deus-Pai com coração de Mãe? Nossa vida e obras refletem o amor do Pai do “filho pródigo” na Igreja?

Na verdade, confesso ter muita dificuldade de compreender na Igreja a atitude de muitos diante do pouco valor dado a nossos ex-padres, ex-religiosas e religiosos, leigos, irmãos e irmãs nossos na fé. Muitas vezes, nosso compromisso de amor real e de confiança como padres, presbitério, congregações, bispos, permanece apenas enquanto estes fazem parte do grupo. Com facilidade os esquecemos, e porque não, muitos passam necessidade após tanto terem servido dioceses e congregações. O que está acontecendo conosco? Como está o amor de Deus-Pai em nós e entre nós? O erro de alguém merece correção amorosa, e nunca pode excluí-lo do amor. Todos continuamos sempre “devedores do amor”, como nos ensina São Paulo (cf Rm 13,8). Acima de tudo, este é o mandamento de Cristo e a vontade do Pai.

Como nos reconhecemos filhos e filhas do Deus-Pai que “faz chover sobre justos e injustos”, que ama a todos sem distinção de raça, cor, situação ou pecado, se nossa vida e obras não refletem seu amor? Como sermos filhos do Deus-Pai, se permanecemos calados diante do sofrimento de milhões de irmãos e irmãs que se encontram à margem da vida, sem dignidade humana, sem o mínimo para o corpo e para a alma? Pergunto. Como sermos imagens e reflexos do rosto e do amor do Deus-Pai se não assumirmos em nós e entre nós os sentimentos de Cristo: *Tenho compaixão desta multidão que está como ovelhas sem pastor* (Mt 9,36-33), se não assumirmos o Deus-Pai que “ouviu, viu, sentiu, desceu, assumiu e libertou seu povo” (Ex 3,7-15), e deseja que “nenhum dos seus se perca”?

Será, portanto, na medida em que nosso ser, agir e viver de leigos, religiosos, religiosas, padres e bispos refletir cada vez mais o amor vivo do Deus-Pai de Jesus, que a paternidade e maternidade humana se tornarão reflexos da paternidade e da maternidade de Deus no tempo. *Quem diz amar a Deus a quem não vê e não ama o irmão a quem vê é mentiroso e o amor de Deus não está nele. Temos de Deus este mandamento; o que amar a Deus, ame também a seu irmão* (1Jo 4,20-21).

Endereço do Autor:

ITESC
Cx. Postal 5041
88040-970 Florianópolis SC

O artigo propõe demonstrar que o amor de Deus encarnado no próximo, na virtude da caridade, encontra um “exemplo mais perfeito” em Maria, “modelo de caridade”. A autora, após explicitar as “características da caridade cristã” e a própria caridade como “princípio ativo da vida espiritual”, apresenta-nos Maria como modelo ao nosso alcance, e conclui com um esboço da “espiritualidade mariana para o nosso tempo”

Maria, Modelo de Caridade

Aspectos Espirituais

Ir. Elizabeth Mendes

Mestra em Teologia Espiritual e Franciscanismo, professora no ITESC.

Introdução

O termo “caridade”, do latim *charitas*, que deriva do grego *cháris*, graça, e traduz o termo grego *agápê*, amor¹, é um dos mais usados no meio cristão. A sua essencialidade se revela em relação “aos outros”, mas tal expressão parece, muitas vezes, privada da sua especificidade teológica e revelada.

A “caridade” cristã tem sua origem no amor de Deus (1Jo 4,7), que através de Cristo (1Jo 4,9) e do Espírito Santo, nos foi dado para que o cristão possa amar a Deus e o próximo (1Jo 4,11-19). Trata-se, portanto, de um dom e, como tal é ligado à justificação. O Concílio de Trento nos ensina que “na justificação o homem, por meio de Jesus Cristo, recebe com a remissão dos pecados a efusão da fé, da esperança e da caridade” (DS 1530). A declaração do Concílio se funda sobretudo em Rm 5,5: “*O amor de Deus foi derramado em nossos corações pelo Espírito Santo que nos foi dado*”.

O dom da virtude teológica da caridade coloca o cristão em caminho de seqüela e tem por finalidade a identificação com Cristo em uma progressiva superação do *amor sui*. Portanto, a caridade cristã se torna original (única), porque enriquecida de novos conteúdos que a filantropia não conhece. O “elemento novo” da caridade cristã é o “*amai-vos como eu vos amei*” É o novo mandamento (Jo 13,34) dado pelo próprio Senhor. Este amor se apoia na identificação de Cristo com quem tem fome, sede, é enfermo, encarcerado... (Mt 25,34-40).

O mandamento da caridade fraterna recebe a sua especificidade do seu fundamento cristológico. Assim sendo, o discurso moral cristão tem à sua base a fé em Deus que nos amou e nos ama através do seu Filho. É uma nova perspectiva de fazer a mesma coisa que os outros; é um estilo particular que não muda a fenomenologia, mas diferencia a conduta do cristão em comparação com a daquele que não é. A caridade cristã é muito mais rica se comparada a um genérico comportamento filantrópico, porque é carregada de fortes motivações que só a benevolência humana não conhece. É sobretudo fruto e consequência de uma experiência. Não nasce originalmente do homem, mas é dom e graça de Deus e consequência de tudo o que ouvimos e vimos: “*não fomos nós que amamos a Deus, mas foi ele que nos amou e enviou-nos o seu Filho como vítima de expiação pelos nossos pecados*” (1Jo 4,10).

1. Características da Caridade Cristã

Da caridade que é Cristo e que é em Cristo emanam peculiaridades que são próprias da caridade cristã.

- *A caridade em relação às outras virtudes teológicas* : Se a esperança é abrir-se a Deus (1Pd 1,3) e a fé é apropriar-se das coisas esperadas (Hb 11,1), a caridade é viver seja as realidades da esperança seja as da fé: “*a caridade... tudo crê, tudo espera, tudo suporta*” (1Cor 13,7). Podemos dizer, então, que a caridade é a plenitude da vida cristã, a fé é o suporte indispensável e a esperança a antecipação do reino futuro. Antes das certezas da fé e da harmonia do amor, a esperança é o abrir-se à possibilidade de crer e de amar. Se a fé “*age por meio da caridade*” (Gl 5,6) a esperança na esfera cristã não pode jamais ser egoísta, enquanto aquilo que se espera, se espera também para os outros (2Cor 1,7). A esperança age por meio da caridade porque não é possível amar o próximo sem esperar com ele e por ele. E não podemos amar de verdade se a fé não nos anima. Assim sendo, a fé e a caridade entram na eternidade assumindo a forma da caridade. O cumprimento de todas as coisas é a caridade (1Cor 13,13).

- *O caráter universal da caridade* : A caridade é para todos como é para todos a luz do sol, que Deus, como reflexo do seu amor, faz surgir “*sobre os bons e os maus, assim como faz chover sobre os justos e os injustos*” (Mt 5,45). A caridade é por sua natureza universal, enquanto Deus ama a todos e no seu amor paterno nos faz um com Ele: “*Vós sois todos irmãos*” (Mt 23,8).

- *A caridade como meio de conhecimento* : A caridade, sendo um caminho que vem de Deus e vai para Deus, é o caminho do verdadeiro conhecimento (1Jo 4,7-14). O centro focal do conhecimento é a iniciativa divina para a nossa salvação, que não é mais fundada sobre o critério da justiça, mas da justificação, isto é, se funda no amor e na misericórdia (Ef 2,4-10). Este conhecimento visa atingir a verdade que é o próprio Cristo: “*Eu sou a verdade*” (Jo 14,6) e alegrar-se com ela por meio da caridade. A caridade se alegra com a verdade (1Cor 13,6). Seguir a “verdade na caridade” significa não deixar-se levar por vãs doutrinas: “*Não seremos mais crianças, joguetes das ondas, agitadas por todo vento de doutrinas, presos pela artimanha dos homens e da sua astúcia que nos induz ao erro. Mas, seguindo a verdade em amor, cresceremos em tudo em direção àquele que é a Cabeça, Cristo*” (Ef 4,14-15). O conhecimento sem amor nos torna plenos de nós e pode ser motivo de escândalo (1Cor 8,11-12) enquanto o conhecimento orientado pela caridade nos coloca em condições de encontrar o próximo na sua realidade



efetiva, pondo-nos em grau de fazer-nos tudo para todos (1Cor 9,19-22). Ciência sem amor, doutrina sem caridade, ortodoxia glacial, não têm valor algum diante de Deus (1Cor 13,1-2). Porque “conhecer” na Bíblia não é somente observar, saber, mas sobretudo encontrar, participar. É claro que, nas relações humanas, amar tem como pressuposto conhecer, e o verdadeiro conhecimento não é possível sem amar.

- *A caridade como realidade fecunda* : A caridade, elemento fundamental da vida cristã, é também a realidade criadora e princípio gerador de vida plena. Onde falta a caridade, todos os aspectos da vida cristã se esterilizam; onde ela suscita o nosso agir e inspira o nosso falar, há um sopro de autenticidade. A caridade é potência criadora, porque emana de Deus criador que faz boas todas as coisas (Gn 1,4.12.18.21.25.31), exprimindo desde o primeiro momento criativo um fim amável. Quando “a criação foi submetida à vaidade” (Rm 8,20), por motivo do pecado, Deus intervém com Cristo Jesus, seu Filho Unigênito, que se tornou o centro de renovação do cosmo (Cl 1,20) e o ponto de partida de uma nova criação (2Cor 5,17).

A caridade é criadora em vista da vida eterna (Mt 10,42; Mc 9,41), da verdadeira liberdade (Gal 5,13-14); o é da alegria (At 20,35) enquanto plenitude de harmonia (Jo 16,22); o é no confronto da justiça, superando-lhe o conceito legalista: a justiça dá a cada um o que é seu, enquanto a caridade dá também do que é seu (Mt 20,1-16). E a caridade é potência geradora de uma nova ordem social, o é de modo particular para a comunidade dos cristãos: “nisto todos reconhecerão que sois meus discípulos, se tiverdes amor uns pelos outros” (Jo 13,35). Segundo Paulo VI, a caridade “é a grande lei constitutiva da Igreja²”.

2. A Caridade como Princípio ativo da Vida

A caridade não é somente uma relação de equilíbrio e harmonia entre nós e os outros. Inspirando-se na caridade de Cristo, ela é mais exigente e mais generosa. Coloca em nosso coração todo o sofrimento do mundo e revela-nos que existimos para amar, como o mundo existe para ser amado.

Trata-se de um princípio ativo de vida espiritual que tem a sua origem na ação proveniente de Deus (Jo 15,16; Rm 5,8).

- *Caridade e ação caritativa* (charitas): A caridade cristã não termina na ascética, na mística ou devoções, mas se realiza na “charitas”, que é a forma suprema da atividade cristã, determinando-lhe o dinamismo que deve realizar-se no terreno concreto da ação: “Filhinhos, não amemos com



palavras nem com a língua, mas com ações e em verdade” (1Jo 3,18). Desta ação caritativa nos são dados alguns exemplos práticos: “Quem tiver duas túnicas, reparta-as com aquele que não tem, e quem tiver o que comer, faça o mesmo” (Lc 3,11); “Dá ao que te pede e não voltes as costas ao que te pede emprestado” (Mt 5,42); “Quando deres uma festa, convida os pobres, estropiados, coxos, cegos” (Lc 14,13). A caridade pressupõe não somente uma vitória sobre nosso egoísmo, mas também um exercício de humildade. A filantropia pode esconder um refinado e sutil egoísmo: “Quando deres esmola, não te ponhas a trombetear em público, como fazem os hipócritas nas sinagogas e nas ruas, com o propósito de serem glorificados pelos homens” (Mt 6,2-3).

- *A caridade: superação do binômio fé-obras* : A fé não é só a firme certeza nas promessas divinas mas fonte de vida nova, que tem a sua origem em Cristo: “a fé agindo pela caridade” (Ef 5,6). Se a fé não depende das obras porque as precede, é através delas que manifesta a sua autenticidade: “Meus irmãos, se alguém disser que tem fé, mas não tem obras, que lhe aproveitará isso? Acaso a fé poderá salvá-lo? (Tg 2,14). Não pode, porque “a fé sem obras é morta” (Tg 2,26).

- *A caridade e a perfeição cristã*: O mandamento de Jesus: “deveis ser perfeitos como vosso Pai celeste é perfeito” (Mt 5,48) nos abre uma perspectiva desconcertante; nos põe diante de nada mais nada menos que o exemplo de Deus Pai. Qual perfeição? Certamente não aquela que transcende a nossa realidade de criaturas. Trata-se, portando, de imitar a perfeição moral do amor de Deus, isto é, a sua imensa benevolência para com todos os homens: “sede misericordiosos como o vosso Pai é misericordioso” (Lc 6,36). Trata-se de imitar a perfeição que nos é revelada na cruz, isto é, a perfeição do amor que se doa. A caridade não é só uma virtude para se realizar, mas um caminho a percorrer, um itinerário espiritual pelo qual, guiados pelo Espírito, nós podemos nos aproximar de Deus e de suas perfeições morais (Deus é bondade, Deus é misericórdia, Deus é amor, Deus é amável etc). Pedro, exortando a praticar as virtudes cristãs, afirma: “Aplicai toda a diligência em juntar à vossa fé a virtude, à virtude o conhecimento, ao conhecimento o autodomínio, ao autodomínio a perseverança, à perseverança a piedade, à piedade o amor fraterno” (1Pd 1,5-6). Paulo, depois de falar de alguns sinais da vida nova que o fiel realiza em Cristo (benignidade, humildade, doçura, longanimidade, suportaçao recíproca, perdão), conclui: “Mas acima de tudo, revesti-vos da caridade, que é o vínculo da perfeição” (Cl 3,12-14). A perfeição da caridade se torna assim imitação de Cristo (2Cor 8,9) e identificação de Cristo com o nosso próximo (Mt 25,35-40). O amadurecimento espiritual na caridade é indispensável não



só para a vida do fiel mas para a própria Igreja.

- *A caridade, sinal de credibilidade da mensagem cristã*: Somos chamados a tornar “credível” a nossa fé e o nosso testemunho, vivendo na prática do amor (Jo 13,35; At 4,3). Na oração sacerdotal de Jesus temos um sinal evidente e eficaz para que o mundo entenda a mensagem cristã: “*ser perfeitos na unidade*” (Jo 17,23). E temos um pressuposto: “*Como tu, Pai, estás em mim e eu em ti, que eles estejam em nós, para que o mundo creia que tu me enviaste*” (Jo 17,21). É um itinerário de amor: do Pai ao Filho, do Filho a nós, de nós ao próximo. A caridade assim entendida requer uma dupla conversão: a Deus e ao próximo. É neste sentido que a caridade se torna sinal de credibilidade da mensagem cristã.

3. Maria, Modelo de Caridade

Para compreendermos os vários modelos de espiritualidade cristã, e no nosso caso a espiritualidade mariana, devemos meditá-los à luz da Palavra de Deus.

Refletindo a vida de Maria, a partir do mistério pascal, emerge que a Virgem foi gerada “criatura nova” pelo único mediador, Jesus Cristo (LG 60). Na medida em que Jesus andava ao encontro da experiência pascal, de modo paralelo gerava, segundo o Espírito, a sua mãe. Por isso, Dante na *Divina Comédia* pôde chamá-la de “Filha do seu Filho”³. Maria, porém, “cooperou com a sua caridade para o nascimento dos fiéis na Igreja”⁴, e é também a mãe dos viventes⁵. Como Maria, também a Igreja, pelo fato de ser gerada pelo Espírito de Cristo, gera a uma vida nova e imortal seus filhos (LG 64): ela “não cessa jamais de gerar no seu coração o Logos integral”⁶. “Eis por que Maria significa Igreja”⁷.

Nós, como membros da Igreja vivente, somos assimilados em Maria, modelo da Igreja. Devemos ser disponíveis e deixar-nos regenerar de modo tal pelo Espírito, e juntos, sentir-nos co-responsáveis com o Espírito de Cristo em fazer ressurgir em nós e nos outros a vida nova caritativa. Em virtude de sua participação no mistério pascal, toda a Igreja e cada membro seu em particular são chamados a desenvolver uma espiritualidade mariana, e tal experiência se concretiza inicialmente em participar e experimentar a maternidade integral para com Cristo. Chamados a entrar no mistério da espiritualidade pascal, vivida por Maria/Igreja, desta mesma espiritualidade devemos tirar os fundamentos característicos do nosso viver cristão. Primeiramente, a espiritualidade mariana-ecclesial nos convida a mirarmos o Cristo ressuscitado. “Na Virgem Maria, tudo é relativo ao Cristo e tudo



depende dele” (*Marialis Cultus* 25).

Maria é con-formada a seu Filho (LG 59): Eis porque nós a veneramos como Assunta. Na Assunção se manifesta o sentido e o destino do corpo santificado pela graça. No corpo glorioso de Maria a criação começa a ter qualquer coisa do corpo ressuscitado de Cristo. Maria Assunta é a integridade humana, corpo e alma, que reina intercedendo pelos homens peregrinos na história. Maria é o sinal escatológico da Igreja peregrina na terra; é a antecipação da Igreja celeste (cfr. LG 62). Maria é sinal do nosso futuro definitivo em Cristo.

Maria, além de testemunhar o nosso futuro salvífico em Cristo, coopera para atualizá-lo em nós. Maria se oferece, não tanto para resolver nossos pedidos e súplicas, mas para favorecer o nosso fim: o de ressuscitados no Espírito de Cristo. O seu “prestar atenção” às invocações não é outro que o exercício da sua caridade materna em favor do nosso “formar um corpo eclesial com Cristo”. A espiritualidade mariana-ecclesial se caracteriza pelo amor caritativo. A caridade qualifica a vida nova ressuscitada em Cristo; é o modo concreto de ser, desde o momento presente, participantes da vida divina; é possuir uma afetividade regenerada à filiação adotiva divina.

A virgindade de Maria não é outra coisa senão a irradiação, sobre todo o seu ser, de uma existência altamente caritativa; é a disponibilidade total em deixar-se amar e amar sem limites tudo e todos no Senhor. A virgindade em Maria é sinal que testemunha como Deus atua o evento salvífico não através do eros (paixão; desejo) mas do ágape (amor-caridade). A Igreja - e nós nela - vivendo a própria maternidade sacramental, ao modo de Maria, é chamada a ser o amor virginal para Deus e para os fiéis: ser testemunha terrena da caridade divina vivida por e em Cristo. Maria e a Igreja chamadas a receber o dom e a experimentar a caridade do Senhor, exercitam a própria vida espiritual não em virtude própria mas de Cristo. A espiritualidade da maternidade mariana-ecclesial é estruturada sob a humildade do “servo inútil” (Lc 17,10).

Maria revela em si os valores evangélicos que o Espírito vai sugerindo e orientando no interior do povo de Deus. A Virgem é a manifestação genuína de tudo que o povo fiel se sente chamado a ser por vocação cristã em um dado tempo. De concreto se poderia afirmar que se as Igrejas - católica, oriental ortodoxa e evangélica luterana -, concebem de maneira parcialmente diversa a espiritualidade de Maria, isto depende de como as Igrejas concebem e vivem a própria missão salvífica de Cristo. O modo como uma Igreja apresenta a espiritualidade mariana, de modo consciente ou inconsciente, descreve a si mesma, se autoapresenta.

4. Espiritualidade Mariana para nosso Tempo

Hoje sentimos a necessidade de viver uma espiritualidade que tenha como principal característica o cristocentrismo (Jesus Cristo e o seu mistério no centro de tudo). É neste sentido que Maria nos ajuda a compreender, em concreto, como a vida cristã deve ser tida como dom de Deus. A Virgem nos ajuda a imprimir, então, uma orientação espiritual cristocêntrica aos movimentos sociais de libertação. O seu canto, o *Magnificat*, é o hino da grande revolução da esperança; é a incitação a destronar os poderosos para elevar os humildes e oprimidos. A devoção mariana não pode exaurir-se na súplica de ação de graças, mas é orientadora, a fim de que o cristão encontre uma efetiva promoção humana (caritativa) na sociedade, sem qualquer exclusão.

A devoção a Maria foi sempre vivida como integração afetiva que facilitou e sublinhou o exercício de uma continência virtuosa, sobretudo nos celibatários. A sua figura suave educa, ainda hoje, à convivência serena e respeitosa, e consente que na sociedade se atue um enriquecimento recíproco intersexual; torna visível que somos “*puros de coração*” (Mt 5,8). De modo particular, em nosso tempo, no qual melhor se compreende e aprecia o valor da corporeidade, a Virgem é o símbolo vivo para a comunicação corpórea do Espírito.

Hoje, de maneira especial, Maria se apresenta também como modelo da missão espiritual que a mulher é chamada a desenvolver. A *Marialis Cultus* 37 assim a descreve: “A mulher contemporânea, desejosa de participar com poder de decisão nas opções da comunidade, contemplará com íntima alegria a Virgem Santíssima que, assumida para o diálogo com Deus, dá o seu consentimento ativo e responsável (LG 56), não para a solução de um problema contingente, mas sim para a obra dos séculos: a Encarnação... Verificará, também, com grata surpresa, que Maria de Nazaré, apesar de absolutamente abandonada à vontade do Senhor, longe de ser uma mulher passivamente submissa ou de uma religiosidade alienante, foi, sim, uma mulher que não duvidou em afirmar que Deus é vingador dos humildes e dos oprimidos e *derruba dos tronos os poderosos do mundo* (Lc 1,51-53); e reconhecerá em Maria, a primeira entre os humildes e os pobres do Senhor (*Lumen Gentium* 55), uma mulher forte, que conheceu de perto a pobreza e o sofrimento, a fuga e o exílio (Mt 2,13-23)”.

A espiritualidade mariana é atual, como o demonstram vários movimentos eclesiais: além da Legião de Maria, Equipes de Nossa Senhora, Rosa Mística, os focolares (Movimento Gen) vivem o slogan “Viver Maria”

e convidam a perenizar no hoje a missão de Maria: fazer Jesus nascer no meio dos homens. A Renovação Carismática Católica oferece o louvor a Maria na experiência do Espírito, para renovarem em si mesmos o Pentecostes que os apóstolos tiveram como dom quando estavam reunidos no cenáculo com Maria, a Mãe de Jesus (At 1,14).

Concluimos dizendo que, para a comunidade cristã, é sinal de autenticidade evangélica viver as expectativas do hoje segundo a harmonia mariana: oferecer-se como Maria e em Maria, para ser sacramento vivo do evento salvífico do Senhor.

5. Virtudes Evangélicas

O Evangelho nos indica a opção fundamental da vida de Maria: mergulhar sempre mais na economia pascal salvífica, afim de ser toda dócil ao Espírito de Cristo que nela age.

A comunidade cristã primitiva, para tornar evidente que Maria havia vivido uma experiência espiritual fazendo uma contínua passagem do viver segundo a carne para viver segundo o espírito, evidencia que a Mãe de Jesus tinha conhecido “algumas imperfeições” (cfr. Mt 12,46s). Sucessivamente a reflexão teológica eclesial consegue conciliar a concepção imaculada de Maria com a sua experiência pascal. Reconhece que Maria é toda santa: desde a sua concepção é preservada de toda culpa. Porém, sendo carne, não podia considerar-se salva se não fosse primeiro ressuscitada no Espírito.

A Virgem, para favorecer a obra do mistério pascal sobre seu ser pessoal, se abandona totalmente ao Espírito. Isto lhe foi possível porque criou em si mesma um “vazio”, se fez a “serva do Senhor” (Lc 1,38), muito atenta em deixar-se instruir pelo Espírito do Senhor (cf Lc 2,19 e 2,51). Eis porque o Anjo do Senhor a Ela se apresenta de modo diferente que a Zacarias (Lc 1,11s). Zacarias tem uma solene visão exterior do anjo, “como acontece para tantos outros santos da antiga aliança. No texto da anunciação a Maria, não se fala de visão exteriorizada (embora o anjo fosse visível), e Maria não pensou em ter que explicar esta aparição... É no interior do seu ser que Maria encontra verdadeiramente o seu Deus: só sua Palavra é importante e não a aparição visível do seu mensageiro”⁸.

Ser evangelicamente pobre para Maria significa ser humilde diante de Deus e manso para os irmãos. Maria permaneceu humilde diante de Deus, reconhecendo que tudo quanto havia nela era dom divino gratuito. Pôde



receber tanto, porque se mostrou consciente de não valer nada por si mesma: Deus “*olhou para a humildade de sua serva*”(Lc 1,48). Maria lê a sua experiência espiritual à luz da pobreza, tendo como base o fato de que Deus “*dispersa os soberbos nos pensamentos dos seus corações e eleva os humildes*” (Lc 1,51).

Maria se tornou disponível ao Espírito além do estado de ser serva humilde, mediante o exercício sempre mais perfeito das virtudes teológicas. Para ela, viver a fé, a esperança e a caridade, tem o significado de abandonar-se ao Espírito pascal do Senhor. A Virgem teve uma forte experiência da virtude da fé, recolhida fundamentalmente da capacidade salvífica do mistério pascal de Cristo. Esta fé, centrada sobre o mistério pascal, foi-se desenvolvendo até tornar-se, depois da kênosis, glorificação. O Vaticano II fala de “*peregrinação da fé em Maria*” (*Lumen Gentium* 58), enquanto ela se aprofundou na “*escuridão*”, e algumas vezes, entre inquietudes duvidosas - não se trata de dúvidas pecaminosas a respeito da fé, mas da “*noite escura*”, própria das almas místicas.

Amadurecendo na fé, Maria soube romper as reservas próprias da racionalidade abrindo-se à luz do Espírito, deixando-se “*transformar através da renovação da mente*” e soube “*discernir a vontade de Deus*” (Rm 12,2). Quando atingiu uma certa maturidade pascal da fé, Maria “*compreendeu retrospectivamente tudo*” sobre a sua vida e a de Jesus⁹. Por esta fé, Maria foi chamada “*bem-aventurada*”, pela prima Isabel (Lc 1,45) e, indiretamente, pelo próprio Jesus (Lc 11,28).

Maria, no Magníficat, qualificou-se como a “*mulher da esperança*”. Não uma esperança debruçada sobre si mesma, nem sobre o próprio clã familiar, mas aberta à libertação dos pobres e dos desfrutados, dentro da ampla perspectiva messiânica. A Virgem Maria é modelo no qual se espelham todos os pobres, marginalizados, aflitos, que vêem em Maria o exemplo de uma vida nova em Cristo.

Maria é “*figura e modelo*” não só da fé e da esperança, mas sobretudo da caridade (LG 53.63). Vivendo unida ao mistério pascal de Cristo, ela passou a viver um amor genuinamente caritativo. O amor do Espírito se fez nela presente e operante, de tal forma que o seu ser não soube sobreviver. Maria morreu por amor. A sua virgindade não foi outra coisa que amar a Deus em Cristo com todo o coração. Maria foi mulher de um único amor, por isso sua virgindade foi experiência perene de caridade. Sua concepção materna é estado virginal enquanto confirma e aprofunda a sua perfeita caridade em Deus¹⁰. Escreve Santo Agostinho: “*Se um Deus deve nascer,*



não pode ser senão de uma virgem; e se uma virgem deve gerar, não pode ser senão um Deus”¹¹.

A virgindade de Maria (como expressão de amor total caritativo) foi aprofundando-se na medida em que o seu ser se tornou ressuscitado em Cristo, até tornar-se “*virgem inefável*” quando ressuscitada à vida bem-aventurada. A virgindade é o estado de amor-caridade, próprio de todos os ressuscitados na vida bem-aventurada (Lc20,34; Mc 12,25; Mt 22,30); é o ser tocha viva que queima da luz e do calor do Espírito.

A caridade divina é doação total a serviço do outro (1Jo 4,8.16). “*O maior seja aquele que serve*” (Lc 22,26; Jo 13,13). Esse é o modo como Maria viveu e ainda vive a própria caridade, assim que pode autodefinir-se “*Serva do Senhor*” (Lc 1,38; LG 55), que se doa toda ao serviço de Deus Pai e dos irmãos.

Concluindo: Maria “*cooperou com a sua caridade para o nascimento dos fiéis na Igreja*”¹². Nós, como membros da Igreja viva, sejamos semelhantes a Maria, modelo de caridade. Devemos ser disponíveis a deixarmos regenerar do mesmo modo pelo Espírito e juntos nos sentiremos corresponsáveis com o Espírito de Cristo para fazer renascer em nós e nos outros a “*vida nova da caridade*”.

Bibliografia:

- S. Galilea, *Ai poveri si annunzia il Vangelo*, Assisi 1974.
- L. M. Montfort, *Trattato della vera devozione a Maria*, Roma 1977.
- R. Laurentin, *La Vergine Maria*, Roma 1983.
- E. Testa, *Maria di Nazareth*, NDM, Cinisello Balsamo 1986.
- O. da Spinetoli, *Maria nella Bibbia*, Bologna 1988.

Notas

¹ A comunidade cristã primitiva denominava *agápê* o banquete eucarístico, momento no qual com maior clareza se tornava evidente o amor de Deus pela humanidade, concretizando-se no dom do Filho e no mistério pascal, ou seja, a comunhão profunda que, em virtude da fé, da esperança, da caridade e do batismo se estabelecia entre os



eleitos de Deus.

² Paulo VI, *L'Osservatore Romano*, 26/03/1964.

³ Dante, *Divina Commedia*, "Paradiso" 33,1.

⁴ Santo Agostinho, *De virginitate* 6; PL 40,399. Cf LG 53.

⁵ Epifanio, *Haeret.* 78,18; PG 42, 728-729. Cf LG 56.

⁶ Hipolito, *De antichristo* 61, PG 1,2,41.

⁷ Isidoro de Sevilha, *Allegoriae* 139, PL 83,117C.

⁸ M. Thurian, *Maria Madre del Signore. Immagine della Chiesa*, Brescia 1980, 59.

⁹ C. Journet, *La Vierge Marie et l'Eglise*, Paris, 1980, 16.

¹⁰ Cfr. Santo Agostinho, *De Trinitate* 23, PL 38, 1074.

¹¹ Santo Agostinho, *De Trinitate* 13, PL 18, 23.

¹² Santo Agostinho, *De virginitate* 6, PL 40,399.

Endereço da Autora:

Rua Lauro Linhares, 1921
Apto. 101 - Bloco A
88036-002 Florianópolis SC

O autor, depois de breve apanhado histórico, apresenta a renovação do sacramento no Vaticano II. Aborda seu contexto individual e eclesial, bem como o "novo rito da Reconciliação", e delinea várias "perspectivas pastorais". Entre elas: o sentido do pecado hoje, a obrigatoriedade do sacramento, as celebrações comunitárias, a Reconciliação e as crianças, o confessor, o confessionário... Uma das conclusões do autor: "Não basta 'atender' confissões; é necessário celebrar o perdão".

O Sacramento da Reconciliação

Perspectivas Teológico-Pastorais

Pe. Valter Maurício Goedert

Doutor em Teologia e Professor de Liturgia e Sacramentos
no Instituto Teológico de Santa Catarina.